

GUY DE MAUPASSANT E A PROVÍNCIA DO PARÁ: PRODUÇÃO CRÍTICA

Amanda Gabriela Resque¹

Com a invenção dos modernos navios a vapor, o Brasil se tornou mais próximo da Europa, essa aproximação fez com que as novidades desse território chegassem ao Brasil em um menor espaço de tempo. Consequentemente, os moradores da Província do Pará, no extremo Norte do Brasil, também passaram a consumir com maior assiduidade o que estava em moda no Velho Mundo.

Dentre tais novidades, destacamos a publicação de prosa seriada, uma invenção de Emile de Girardin (1806-1881), um importante político e jornalista francês, dono do periódico *La Presse*. Ele utilizou essa artimanha para alavancar as vendas da aludida folha, em que dedicou seções as propagações de prosas ficcionais para o entretenimento de seu público. Seu objetivo foi alcançado, pois as tiragens do *La Presse* dispararam de 70.000 para 200.000 exemplares (SERRA, 1997, p. 19).

Dos periódicos brasileiros que utilizaram essa metodologia para impulsionar suas vendas, frisamos *A Província do Pará* (1874 -), pois além de ter exercido uma enorme força política, por ser uma folha que se denominava órgão oficial do Partido Liberal, também desempenhou uma grande força cultural no Oitocentos paraense, por desde suas primeiras edições destinar espaços às publicações voltadas ao esparecimento de seu público.

Entre a gama de autores que tiveram seus escritos propalados n' *A Província do Pará*, assinalamos os escritos de origem francesa pela quantidade significativa de prosas, poesias e ensaios presentes diariamente em suas diversas colunas. Dentre esses, sublinhamos os de autoria de Guy de Maupassant.

Conhecido pela sua grandiosíssima produção contística, Maupassant publicou cerca de 300 contos apenas na década de 1880, Angela Neves (2012) acrescentou que o autor pode ser considerado o inaugurador do terror psicológico na ficção, pois ele “fecha atrás de si um ciclo do fantástico material, ligado a objetos e símbolos tradicionais do gênero, e abre o da sondagem psíquica” (NEVES, 2012, p. 116).

Além de sua produção ficcional, *A Província* propalou escritos críticos, textos ensaísticos de sua autoria, os quais poucos são revisitados por, justamente, Maupassant ser celebrado como contista, mas deixado a margem quando abordamos críticas e ensaios.

¹ Mestra em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, amanda.resque@ilc.ufpa.br

Baseando-nos nisso, observamos as produções críticas assinadas pelo autor francês que estão presentes na folha paraense.

GUY DE MAUPASSANT E A PROVÍNCIA DO PARÁ

Segundo Carlos Rocque (1976) *A Província do Pará* foi fundada em 25 de março de 1876 por Joaquim José de Assis – redator e importante político para a Província do Pará –, Francisco de Souza Cerqueiro – tipógrafo –, e Antonio José de Lemos – redator gerente e posteriormente o maior intendente da região. A gazeta paraense mantém sua circulação até nossa contemporaneidade, apesar de suas interrupções e recomeços.

Ainda que tenha sido um periódico de caráter político no Oitocentos, pois foi fundado por membros ativos da política paraense, bem como envolvidos com o Partido Liberal e por se autodenominar como órgão desse partido, a aludida folha paraense também demonstrou enorme força cultural, tendo em vista que apresentou, desde seu quarto número, a seção “Folhetim” no rodapé da segunda página, espaço que era destinado as publicações ficcionais.

Essa seção propiciou o aumento de consumidores de prosa de ficção, levando em consideração que o jornal era um suporte mais acessível financeiramente naquela época. A associação entre imprensa e literatura causou bons frutos para ambos os lados, visto que favoreceu o aparecimento de novos leitores para os jornais, estes que por sua vez buscavam o entretenimento. Com um público maior, os jornais conseguiram mais anunciantes e consequentemente mais verba, além de dar visibilidade para autores e prosas que circularam em suas páginas.

A Província do Pará possuiu um papel importante na propagação de narrativas de inúmeras nacionalidades, pois apresentou diversos espaços dedicados ao esparecimento de seus leitores, além do clássico espaço “Folhetim”. Essas seções, como “Miscellâneas”, “Litteratura”, “Solicitados”, “Sciências, Letras e Artes” e “Boletim do Dia”, não se restringiram a propalar apenas as prosas ficcionais, também veicularam poesias, indicações de leituras, textos críticos e ensaios.

Em relação aos autores de diversas nacionalidades que tiveram seus escritos divulgados n’*A Província* ao longo da segunda metade do século XIX, podemos ressaltar os franceses por questões quantitativas, como mencionado anteriormente. Entre esses, citamos Émile Zola, Guy de Maupassant, Ponson du Terrail, Xavier de Montépin, Pierre Zaccone, Alphonse Daudet, Hector Mallot e Georges Ohnet.

Destacamos Guy de Maupassant baseados no fato de que o supracitado periódico não se restringiu a propalar apenas seus escritos ficcionais, mas também publicou artigos críticos, pequenas notas sobre sua vida e obra, bem como textos ensaísticos. Esse fato ressaltou a importância que o autor exerceu culturalmente no século XIX, embora quando revisitado no século XXI suas publicações ensaísticas ou críticas sejam deixadas a margem.

Tendo em vista o discutido, *A Província do Pará* veiculou dois escritos críticos assinados por Guy de Maupassant na década de 1890, ambos nas primeiras páginas de suas edições, em posições de destaque, os quais foram “A evolução do Romance no século XIX” e “Homens de Letras”.

Acrescentamos que as versões originais desses escritos, em francês como o autor comumente as lançou, não foram localizadas em verificações prévias deste estudo. Então, apesar de sabermos que esses ensaios são traduções feitas em território brasileiro, não é possível assinalar para qual periódico Maupassant destinou originalmente esses ensaios.

GUY DE MAUPASSANT: PRODUÇÃO CRÍTICA

Apresentados cronologicamente conforme suas publicações n’**A Província**, explanaremos sobre os artigos críticos assinados por Guy de Maupassant e disseminados nas seções da folha paraense na última década do século XIX, os quais são: “A evolução do Romance no século XIX” e “Homens de Letras”.

O primeiro deles, “A evolução do Romance no século XIX”, esteve presente na seção “Ciências, Letras e Artes” em 26 de abril de 1891. Nele, Maupassant traçou um curto estudo sobre a evolução do Romance Moderno, desde o início do século XIX até aquele momento. Pontuou que não se ocuparia em explanar sobre o conhecido Romance de Aventura – originado na Idade Média –, bem como criticou escritores que insistiam em apresentar histórias inverossímeis em longas 500 páginas, obras que não seriam lidas por aqueles a quem a arte interessava.

Da França, o contista assinalou três nomes que cada romancista ou filósofo seguiu os ensinamentos: Losage, Rosseau e Prêvost. De Losage, seguiram os artistas aristocratas que tinham como ocupação tornar sua arte visível ao público,

[...] descende a linhagem da fantasia espirituosa que, olhando o mundo da janela, em um mosaico no olho, uma fila de papel diante de si, fisiólogos sorridentes, mais irônico do que comovidos, mostraram-nos, com lindos exteriores de observação e elegância de estilo, buliçosas marionetes. (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

De Rousseau, vieram os romancistas que prezavam pela arte de escrever, suas narrativas eram concebidas, combinadas e desenvolvidas com a intenção de demonstrar a verdade e a mentira de um sistema. Neles, encontramos certos cuidados em personificar teses em indivíduos

que são, em todo o correr de ação, os advogados de ofício das doutrinas do escritor. Sonhadores, utopistas, poetas, pouco precisos e pouco observadores, mas pregadores eloquentes, artistas e sedutores, esses romancistas já não tem hoje representantes no meio de nós (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

De Prêvast, seguiram os poderosos escritores observadores e, deles, tivemos o romance *Manon Lescaut* (1731), de onde nasceu o Romance Moderno.

Nesse livro, pela vez primeira, deixando o escritor de ser unicamente um artista, um engenhoso mestrador de personagens, tornou-se, de repente, sem teoria preconcebidas, seu gênio, um sincero, um admirável evocador de seres humanos. Pela primeira vez recebemos a impressão profunda, comovente, irresistível de passos iguais a nós, apaixonadas e surpreendentes de verdade, que vive a vida delas, e a nossa vida, amam e sofrem como nós: entre as páginas de um livro. (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

Sempre mencionando o supracitado romance como uma obra-prima, Maupassant sublinhou que a narrativa poderia ser um exemplo sensacional sobre os sentimentos de uma mulher, a qual simultaneamente particularizou a trajetória de uma determinada cortesã, mas apresentou também a alma de todas as outras mulheres.

Um importante apontamento que Maupassant formulou sobre a Literatura foi de que ela só poderia progredir em épocas tranquilas, momentos oportunos para a formulação de ideais e pensamentos, enquanto nos períodos de brutalidade, como as guerras, essa arte desapareceria. No que concerne o tópico, Maupassant acrescentou que apenas após a Revolução e o Império surgiram nomes dignos, fazendo uma ressurreição da Literatura francesa. Os autores em destaques foram: A. de Lamartine, A de Vigny, A de Musset, Baudelaire, Victor Hugo, Stendhal e Balzac.

Em relação a Stendhal, Maupassant o considerou como

[...]primitivo da pintura dos costumes. Esse penetrante espírito, dotado de uma lucidez e de uma precisão admiráveis, de um senso sutil e largo, fez deslizar em seus livros uma onda de pensamentos novos, porém tão completamente ignorou a arte, esse mistério que diferencia absolutamente o pensador do escritor, que dá as obras um poder quase sobre-humano, que põe entre elas o encanto inexplicável das proporções absolutas e um sopro divino que é a alma das palavras reunidas por um engendrar de frases, - de tal sorte desconheceu a onipotência do estilo que é a forma inseparável da ideia, e confundiu o ênfase com língua artista, que fica sendo, apesar do seu gênio, um romancista de segundo plano. (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

Sobre Balzac, o contista assinalou que ele tinha uma “energia fecundante, transbordante, imoderada, estupefatamente de um deus, porém com as pressas, as violências, as improporções, as desproporções de um criador que não tem o tempo de deter-se para buscar a perfeição” (MAUPASSANT, 1891, p. 02). E dele, segundo Maupassant (1891), surgiu uma escola que nada escreveu, os autores apenas copiavam, dos quais mencionou Daranty e sua obra *Desgraça de Henriqueta Gerar*.

Para Maupassant, até aquele momento, os escritores que se preocupam em escrever um pouco da verdade em suas histórias teriam esquecido da verdadeira arte de escrever. Para esses, o estilo era uma espécie de convenção, fato que mudou quando Gustave Flaubert e *Madame Bovary* (1856) surgiram. Desse, foi possível perceber a união de um estilo de escrita e da observação em que trouxe uma pesquisa apaixonada dos documentos humanos.

[...] dotado de um temperamento lírico, alimentado de clássicos, enamorado de arte literária, de estilo e do ritmo das frases, a ponto de não ter mais outro amor no coração, e armado também de um admirável olhar de observador, desse olhar que se dê ao mesmo tempo todos os conjuntos e todas as minúcias, as formas e as cores, e que sabe adivinhar as intenções secretas ao tempo de julgar o valor plástico dos gestos e dos fatos, trouxe a história da literatura francesa um livro de uma inclinação exatidão e de uma impecável execução, *Madame Bovary*. (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

Dos romancistas que utilizaram a arte de maneira mais poderosa e sutil, ele destacou os irmãos Goncourt. Além do supracitado, eles possuíram uma natureza vibrante e penetrante, na qual conseguiram mostrar uma gradação até então não percebida. Zola foi ressaltado como de natureza mais forte e apaixonante, enquanto Daudet mais engenhoso e delicadamente menos sincero.

Em relação aos autores considerados seus contemporâneos, Maupassant entendeu que eles, ao invés de perceberem a vida com voracidade e curiosidade, olhando-a por toda a parte para sofrer ou gozar, não observaram além de si próprios, acabaram por escrever apenas romances autobiográficos ao reportar as dores e os amores de suas almas, chegando “à pintura do eu, do eu hipertrofiado pela observação intensa, do eu no qual se inocula os vírus misteriosos de todas as moléstias das mentes” (MAUPASSANT, 1891, p. 02). Todavia,

[...] essa definição, atrás da qual entrincheirou-se Zola na grande batalha que deu por suas ideais, não será sempre verdadeira, porque pode aplicar-se a todas as produções da arte literária e a todas as modificações que os tempos trarão: um romance, é a natureza, vista através de um temperamento. (MAUPASSANT, 1891, p. 02).

Guy de Maupassant finalizou seu artigo assinalando que esse temperamento pode ter as mais diversas e diferentes qualidades, assim como essas perspectivas podem ser modificadas conforme a época. Portanto, podemos perceber que o literato abordou de forma elogiosa os

amigos de Médan, como os irmãos Goncourt e Zola, também afirmou que a narrativa de seu mestre deve ser considerada como uma obra-prima. Todavia, não se restringiu aos elogios, exalou ironia ao considerar os outros autores como de pouca criatividade, mostrando a pitada maupassantiana característica de sua produção.

A segunda publicação crítica assinada por Maupassant propalada na folha paraense foi “Homens de Letras”, veiculada em 13 de março de 1892 também na seção “Scências, Letras e Artes”. No artigo, o literato francês postulou sobre o homem das letras que toma nota de tudo, retêm as informações, o qual tem no seu espírito o eco mais sonoro de que os sons mais primitivos. Ele afirmou que havia cobiçado muitas coisas por trazer em si um apetite de todas as curiosidades, mas, apesar disso, pouco aproveitou do que o cercou, indagou-se: “Por que não hei de conhecer a realidade dos gozos, das esperanças e dos prazeres?” (MAUPASSANT, p. 01, 1892).

A sua insatisfação em não ter a oportunidade de aproveitar todos os privilégios do mundo é perceptível, assim como sua dupla visão do ser escritor:

É que arrasto comigo esta dupla vista, que é ao mesmo tempo toda a força e toda a miséria dos escritores. Escrevo, porque compreendo e sinto tudo o que passa, porque o conheço muito o sobretudo porque, sem poder experimentá-lo, vejo-o em mim próprio, no espelho do meu pensamento. (MAUPASSANT, p. 01, 1892).

Segundo Maupassant, nada pode/deve passar despercebido aos olhos de um escritor, ele percebe as alegrias e as dores, analisa o que os cerca, fisicamente e emocionalmente, mesmo que seja contra a sua vontade: é algo inerente a si. Após as análises, esse homem das letras toma nota e as guarda na memória e, ao rememorar, recorda de todos os pequenos detalhes que nenhum outro homem comum teria percebido. Para Maupassant, o escritor parece ter

[...] duas almas, uma que nota, explica, comenta cada sensação da sua vizinha, da alma natural, comum, a todos os homens. E vive condenado a ser sempre, em todas as ocasiões, um reflexo de si próprio a um reflexo dos outros, condenado a ser, sentir, agir, amar, pensar, sofrer e a nunca sofrer, pensar, amar, sentir como todo mundo, francamente, simplesmente, sem se analisar a si próprio depois de cada alegria e depois de cada gemido. (MAUPASSANT, 1892, p. 01).

O literato afirmou que os escritores, em conversas, parecem maldizentes pelo simples fato de articularem de uma forma que é oculta aos homens comuns, justificando possíveis rudezas que pessoas como ele cometiam. Esses homens são “unicamente preocupados com sua obra e não com os seus afetos” (MAUPASSANT, 1892, p. 01), reforçando a sua perspectiva em priorizar suas criações e não suas relações pessoais (casamento, filhos etc.).

Após afirmar que esses são atores e espectadores dos outros e de si, Maupassant narrou um episódio vivido na França que, por ser um homem de letras, despedaçou o seu coração. O

autor contou a história de uma família que, por questões de saúde vinculadas às dificuldades financeiras, acabou por definhando até a morte sem o auxílio do Estado ou das pessoas que passaram por eles todos os dias, mas não os notaram. Abalado com o vivenciado, Maupassant afirmou:

Mas nunca esquecerei isto, e assim outras coisas ainda que me fizeram odiar a terra. Como eu desejava, às pensar mais, não mais sentir! Desejava viver um bruto em um país claro e quente, em um país dourado, sem vegetação, brutal e cru, em um desses países do Oriente, onde se dorme sem tristeza, onde se desperta sem pesares, onde se vegeta sem cuidados, onde se sabe amar sem angústia, onde a custo sentimos que existimos. (MAUPASSANT, 1892, p. 02).

Após postular detalhadamente sobre a paisagem que julgou tranquilizadora, evidenciou que ignoraria as causas econômicas e políticas, além de todas as tolices que ocupariam a mente do homem de forma esmagadora, porém desnecessárias. Ocuparia sua rotina apenas em descansar, sem precisar mais lidar com as dores.

Nesse artigo, percebemos uma crítica em relação aos homens considerados comuns por não se compadecerem dos problemas existentes ao seu redor e, também, não apreciarem a vida, mas, ao mesmo tempo, o autor teve certo tom de lamúrio, pois, por ser um homem de letras, acabou percebendo e sentindo tudo de uma forma mais forte.

CONSIDERAÇÕES

Guy de Maupassant trouxe, em ambos artigos, valores e opiniões pessoais apresentados de forma cordial, elogiou os amigos do Grupo de Médan, mas não se deteve as boas falas, apresentou pitadas de sarcasmo – algo muito comum em sua produção – ao abordar escritores que não julgou valiosos, além de falar abertamente sobre o peso que ele considerou possuir por ser um homem das letras: sentir e observar demais.

Levantamos a hipótese de que o jornal paraense transportou os escritos críticos de Maupassant, autor mais conhecido pelas prosas ficcionais, devido à importância dele para o leitor paraense oitocentista. Em outras palavras, podemos supor que tudo que tinha autoria atribuída ao escritor francês saltou aos olhos do consumidor de jornais em terras paraenses no século XIX e, por isso, a aludida folha não se restringiu a propalar apenas os tão famosos contos do autor.

Outro ponto importante é que devemos levar em consideração o momento histórico ao qual esses escritos foram publicados: última década do século XIX. Esse fato é relevante

porque foi um momento que muito noticiaram sobre Guy de Maupassant, tendo em vista seu problema de saúde mental e atentados a sua própria vida tão discutidos naquele período.

Como Maupassant acabou voltando ao foco por conta das notícias sobre seu estado de saúde, as folhas que na década anterior propalaram seus escritos ficcionais passaram a publicar “novos textos” dele com o intuito de fomentar o imaginário do público em relação ao francês, assim como incentivar o consumo de suas produções através do jornal e consequentemente influenciar no número de vendas das edições seguintes dessas gazetas.

Com isso, observamos que *A Província do Pará* manteve interesse em publicar escritos vinculados ao Guy de Maupassant, não se restringindo à propagação da prosa ficcional assinada pelo autor, mas também difundindo textos ensaísticos que apresentaram suas ideias e ideais, algumas vezes trazendo até mesmo aspectos que não foram discutidos comumente em jornais brasileiros.

REFERÊNCIAS

BRUM, José Thomaz. Prefácio In: **MAUPASSANT, Guy de**. Contos fantásticos: O Horla & outras histórias. Porto Alegre: L&PM, 2015. p. 07-12.

MAUPASSANT, Guy de. **Contos do dia e da noite**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
_____. **Contos fantásticos: o Horla e outras histórias**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NEVES, Angela das. Contistas à Maupassant: a recepção crítica de Guy de Maupassant no Brasil. Tese de Doutorado, São Paulo, Universidade de São Paulo – USP, 2012.

ROCQUE, Carlos. **História de A Província do Pará**. Belém: Mitograph, 1976.

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Belém: Paka Tatu, 2002.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. **Antologia do romance de folhetim (1839 a 1870)**. Brasília: Ed. UNB, 1997.

Fontes Primárias

A Província do Pará (1876 – atualmente)